

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

PARADIGMAS DISCURSIVOS E IMAGINÁRIOS DA BELIGERÂNCIA: A GUERRA NO DISCURSO LITERÁRIO

*DISCOURSIIVE PARADIGMS AND IMAGINARIES OF BELIGERANCE: THE WAR IN
THE LITERARY DISCOURSE*

Elisson Ferreira Morato¹

RESUMO: Este trabalho discute as representações sobre a guerra no discurso literário através da análise d' *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay e d' *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Para isso utilizamos as noções de imaginários sociodiscursivos, modos de organização do discurso e contrato comunicacional, da Semiologia de Charaudeau ([2004] 2013, 2006, 1992). Para discutir o imaginário da guerra e sua relação com o discurso literário utilizamos o trabalho de Jomini (1949), Clauzewitz (2010) e Dumézil (1973). Observamos que no discurso literário persiste, até o século XX, um paradigma, dado por imaginários sociodiscursivos, segundo o qual a guerra é um evento heróico necessário à manutenção da soberania política e prosperidade de uma nação.

PALAVRAS-CHAVE: guerra; imaginários sociodiscursivos; discurso literário.

ABSTRACT: This paper discusses the representations about war in literary discourse through the analysis of *A Retirada da Laguna*, by Visconde de Taunay and *Os Sertões*, by Euclides da Cunha. For this we use the notions of sociodiscursive imaginaries, modes of discourse organization and communication contract, from the Semiolinguistics by Charaudeau ([2004], 2013, 2006, 1992). To discuss the imaginary of the war and its relation to literary discourse we use the work of Jomini (1949), Clauzewitz (2010) and Dumézil (1973). We observe that in the literary discourse, until the twentieth century, there is a paradigm, given by sociodiscursive imaginaries, according to which war is a heroic event necessary for the maintenance of the political sovereignty and prosperity of a nation.

KEY-WORDS: war; sociodiscursive imaginaries; literary discourse.

Nada de novo no front: uma introdução

E depois em clarão de fornalha de alto-forno aberta, e um estrondo, e um branco que passou a vermelho. Procurei respirar, mas respiração não me vinha e senti-me arrancado de mim mesmo e varrido por aquele vento. Saí completamente fora de mim e vi que estava morto, mas era um erro pensar que a gente morre. Depois flutuei, e em vez de sumir senti que voltava a mim. Respirei e voltei a mim.

O relato acima, dado o estilo simplório da composição, poderia ter sido retirado da correspondência de algum ex-combatente anônimo, ou de algum livro de memórias militares. No entanto trata-se de um trecho do romance *Adeus às Armas*, no qual Ernest Hemingway (1899-1961) retoma suas lembranças da Primeira Guerra Mundial. A narrativa de Hemingway dificilmente alcançaria reconhecimento literário se publicada

¹ Pós doutorando em Estudos Linguísticos, Poslin/UFMG. E-mail: elissonmorato@yahoo.com.br

algumas décadas antes, não apenas pelo seu estilo despojado, mas também por considerar o tema da guerra por uma ótica individualista, detalhista e acima de tudo pouco romântica. Há poucas décadas antes, a guerra deveria ser narrada, talvez enaltecendo a glória ou o martírio de bravos soldados em defesa da pátria: eram outros os paradigmas e os imaginários sobre a guerra.

Nessa perspectiva, objetivamos apresentar uma discussão acerca dos imaginários sobre a guerra no discurso literário. Levamos em conta que esses imaginários são construídos segundo padrões determinados em uma dada conjuntura, calcando nossa discussão em duas obras literárias consideradas como referência sobre o tema: *A retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

A primeira obra trata de um episódio da Guerra do Paraguai e a segunda do combate a revolta de Canudos, na Bahia. Essas duas produções encontram-se, conforme podemos dizer, quase equidistantes de um ponto de ruptura entre duas correntes de imaginários sociodiscursivos sobre a guerra. Essa ruptura ocorreria quando a guerra deixa de ser representada como conjunto de atos de bravura para se tornar um ato coletivo de violência contra governos e, sobretudo, populações.

Tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa, através do trabalho de Charaudeau ([2004] 2013, 2006, 1992), principalmente, através da noção de imaginários sociodiscursivos e dos modos de organização do discurso. Em se tratado de uma abordagem constitutivamente dialógica, também acatamos o trabalho de Kuhn (2007), o qual nos inspira a discussão sobre o conceito de paradigma aplicado ao discurso. Também acolhemos o trabalho de autores como Clauzewitz (2010) e Jomini (1949), sobre o tema da guerra, e o de Dumézil (1973) que nos possibilita relacionar a problemática da guerra ao discurso literário, por via da poesia épica.

Crônicas da Guerra da Itália: uma reflexão preliminar

A virilidade, a bravura, o heroísmo, a conquista, o valor são traços recorrentes nos discursos sobre a guerra, um imaginário que pode ser observado nos discursos ficcionais e factuais. Entretanto, a representação da guerra como genocídio, matança, violência é relativamente recente e representa outro posicionamento discursivo sobre o

tema. Desse modo, pode-se depreender que entre certas correntes de imaginários há também rupturas que levam a uma descontinuidade entre o que e o como se diz algo em uma determinada época.

A descontinuidade desse dizer decorre das mudanças de saberes: de como certas crenças são reconfiguradas e de como conhecimentos são suprimidos, e/ou atualizados. É nessa perspectiva que se pode pensar em paradigmas que regeriam certos discursos, influenciando formas de pensamento e de representação sobre o mundo. Esses paradigmas, assim, seriam semelhantes àquela noção apresentada no trabalho de Thomas Kuhn (2007), e representam relações de ruptura, e não de uma continuidade histórica, entre saberes.

Tal como os saberes, as relações representadas de eventos, como a guerra, podem sofrer mudanças dadas por rupturas. O que ocorreria justamente porque crenças, valores e conhecimentos podem se negar, se questionar ou se enriquecer, levando a outros imaginários sociodiscursivos acerca de um determinado evento. Pensar a sujeição desses imaginários a certos paradigmas, no caso, nos auxilia a entender como o tratamento de certos discursos se altera com uma conjuntura ou uma época.

Um exemplo analisado neste trabalho é justamente a maneira como o tema da guerra é representado no discurso literário segundo épocas e contextos distintos. Há uma diferença significativa no tema da guerra nas obras desses dois períodos, mas há também uma similaridade rotineira entre obras escritas em uma mesma época. É o que nos leva a pensar que há não apenas uma partilha de saberes, mas também relações de rupturas entre eles. O que se materializa, sobretudo, no discurso literário.

Há uma gota sangue em cada poema: uma literatura beligerante

Arte e beligerância não são realizações antitéticas do espírito humano. Muito da arte ocidental se volta justamente para a celebração de feitos bélicos. Essa relação também não é estranha à literatura. Lembramos que o texto que inaugura a tradição literária ocidental, a *Ilíada*, de Homero, tem a guerra como tema. Seria pouco crível considerar hoje como atos de heroísmo e bravura dizimar populações inteiras, escravizar sobreviventes e reduzir cidades a ruínas. Menos heróico ainda seria, por exemplo, atar

os pés de um cadáver a um carro e arrastá-lo por dias seguidos em torno dos limites de uma cidade.

Mas essas são cenas presentes no poema homérico, o qual apenas inauguraria uma longa tradição em que matanças desordenadas, saques, espoliações e destruição figurariam como narrativas de teor heróico. Para se ter uma ideia, antes do poeta latino Virgílio (70-19 a. C.), autor da *Eneida*, celebrar a origem mítica do povo romano, feita a custa do extermínio dos povos nativos da região do Lácio, na Itália, o poeta Névio (275-201 a. C.) celebrava a primeira das guerras púnicas, que historiadores atuais consideram o primeiro holocausto da história ocidental.

Névio escreveu *Bellum Punicum*, poema épico romano sobre a primeira guerra contra Cartago, poema que infelizmente não chegou até nós. Se nos atermos à poesia épica, atravessamos o período medieval com outras narrativas cujo tema central gira em torno de feitos bélicos: *A canção de Rolando* (*La chanson de Roland*), poema que trata das lutas de Carlos Magno contra os muçulmanos, o *Cid campeador*, poema espanhol, e *A Canção dos Nibelungos*, alemão, são apenas alguns exemplos de narrativas épicas nas quais os feitos de armas dão origem a heróis. E um inventário dessas produções ainda teria sequência no Renascimento com *Jerusalém Libertada*, de Torquato Tasso, e, em parte, com os *Lusíadas*, de Camões, que narra a formação do reino de Portugal pelo seu poderio bélico de então.

Embora o herói belicoso tenha mostrado sua presença na literatura de outras nações em formação, como o Brasil, no século XVIII, ventos iluministas trouxeram, por raros momentos, o herói diplomático e pacifista: um exemplo é a *Henriada* de Voltaire, o outro é o obscuro *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa (1729-1789). Nos dois casos o herói da narrativa se notabiliza mais pela habilidade diplomática que pela força das armas. Breve suspiro de pacifismo na literatura.

A tematização da guerra entra na literatura, especialmente, na epopeia, por via de suas relações com a mitologia. De acordo com o trabalho de Dumézil (1973, p. 16), por exemplo, a narrativa épica trabalha o mito evocando problemas centrais das sociedades antigas como a origem e unidade de um povo, a conquista e manutenção de sua soberania. Nesses processos, qualidades como a virilidade e a beligerância aparecem como condições necessárias ao desenvolvimento de uma sociedade.

Assim, essa literatura beligerante celebra a guerra de acordo com valores necessários à sobrevivência de uma coletividade: a guerra, defensiva ou ofensiva, era a maneira de manter a soberania e a prosperidade da nação. O imaginário da guerra como conjunto de feitos heróicos sobreviveu por séculos. Uma mudança, digamos, de paradigma ocorre já no século XX, embora já fosse pronunciada no século anterior. Uma obra pioneira contendo esse novo olhar é *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque (1898-1970), ex-combatente da Primeira Guerra Mundial. Uma outra obra que poderia ser considerada por este aspecto é justamente *Os Sertões*, analisada neste trabalho.

Os irmãos inimigos: metodologia e apresentação do corpus

Uma metodologia pode ser conflitante se considerarmos que, nela, vozes diferentes, díspares e inusitadas se fazem presentes. Logo, realizar uma discussão sobre a guerra requer antes de tudo uma habilidade conciliadora e diplomática. É nesse prospecto que convocamos a Semiolinguística de Charaudeau ([2004] 2013, 2006, 1992), e o trabalho de Dumézil (1973) sobre a epopeia e mito. Para identificar imaginários bastante influentes sobre a guerra recorreremos a dois pioneiros: Jomini (1949) e Clausewitz (2010). Também consideramos o significado da palavra guerra em dicionários diversos, como o de Blouteau, de ([1789] 2017), de Luiz Pinto ([1832] 2017), e o de Ferreira (1986), que contém traços desses imaginários.

A seleção do *corpus* deste trabalho se deve a três características: primeiramente essas narrativas enfocam a guerra sob a perspectiva de suas vítimas, e não de protagonistas heróicos. Em segundo lugar, trata-se de relatos não oficiais de eventos reais, não reproduzindo, assim, o ponto de vista oficial. Por fim, trata-se de conflitos emblemáticos: ocorrido na monarquia, a Guerra do Paraguai foi o maior embate bélico da América do Sul, já a Guerra de Canudos foi o primeiro ato beligerante, de razões profundamente ideológicas, da recém proclamada república brasileira.

Sete contra Tebas: embate entre conceitos

Apresentar e relacionar conceitos pode gerar certas disparidades, sobretudo quando se trata de escalar, em uma mesma abordagem, noções estranhas umas às outras. Por isso optamos, por apresentar o conceito de imaginários sociodiscursivos, suas relações com os paradigmas e de como esses paradigmas se tornam legíveis através dos modos de organização do discurso. Nesse âmbito, também é importante apresentar uma acepção operacional de discurso literário, objeto de nossa investigação.

Segundo o trabalho de Charaudeau (2006), os imaginários sociodiscursivos, são formados por conjuntos de saberes de crença ou de conhecimento. Esses sistemas de saber são também “maneiras de dizer” (CHARAUDEAU, 2006, p. 197), e, como tais, é pela e na linguagem que eles se manifestam, tornando-se percebíveis no discurso. Cabe lembrar que os imaginários sociodiscursivos, como conjuntos de saberes partilhados, se inserem nas relações entre os sujeitos da linguagem, definindo sistemas de pensamento que influenciam as práticas sociais e seus produtos.

Podemos dizer, assim, que esses imaginários influenciam a organização e a composição do discurso formando os paradigmas. Como se corporificam no discurso, esses paradigmas, ao determinarem um modo de dizer, através do manuseio dos modos de organização discursivo teriam relações também com o estilo. Este entendido como uma maneira de organizar e compor materialidade discursiva, que, sujeita a um dado contrato comunicacional, vem a sofrer alterações segundo épocas distintas, em conformidade com uma conjuntura estética, ideológica ou política.

Desse modo, esses imaginários, que vêm a influenciar, inclusive, a composição estilística da materialidade discursiva, podem constituir paradigmas discursivos, os quais definem os modos das representações discursivas e as axiologizações que neles ocorrem. Os paradigmas discursivos, assim, associam certos imaginários ao contexto de uma época histórica, de modo que podem ocorrer rupturas graças aos diferentes contextos históricos.

Quanto ao discurso literário, este pode ser entendido conforme um quadro de interação sociodiscursiva, ou um contrato comunicacional (cf. CHARAUDEAU, [2004] 2013) no qual é essencial a identidade dos interlocutores. Esse gênero, assim, pode ser definido, grosso modo, como aquele discurso firmado entre um escritor e um público leitor na finalidade de proporcionar uma experiência estética de uma situação real ou fictícia. O discurso literário se notabiliza, em sua materialidade linguística, pelo uso

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

singular dos modos de organização do discurso, especialmente o narrativo e o descritivo (cf. CHARAUDEAU, 1992). Esse discurso também se caracteriza por uma intensa valorização social, dado seu caráter estético, o que muitas vezes leva esse gênero a ser preterido para o tratamento dos temas mais diversos.

Esse gênero, por sua vez, não pode se confundir com o discurso ficcional, já que a ficção designa um modo de relação com o real (histórico ou não) que pode perpassar ou não o discurso literário. As obras analisadas, por exemplo, são literárias, dado o contrato discursivo no qual se inserem, mas não são ficcionais, posto que descrevem realidades históricas, ainda que reelaboradas, em algumas passagens, com efeitos de ficção².

Guerra e paz: doutrinas e imaginários sobre a guerra

Imaginários sobre a guerra transparecem, sobremaneira, no discurso literário. Mas pode ser proveitoso também verificar como esse termo é apresentado em dicionários, já que essa definição não deixa de ser contextualizada, podendo revelar muito dos imaginários sobre a guerra em épocas históricas distintas. A definição mais antiga que encontramos provém do final do século XVIII: é oriunda do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Blouteau, publicado em 1789: “Guerra, s. f. todo o acto hostil, com que se faz, ou procura mal ao inimigo para o vencer, aprisionar, matar, tomar-lhe terras, ou navios &c.” (BLOUTEAU, [1789] 2017, p. 675). Observamos na definição de Blouteau, o uso do termo “inimigo” como um oponente coletivizado e homogêneo, sobre o qual recairia o propósito específico de “tomar-lhe terras, ou navios”.

O dicionarista nos mostra um significado influenciado pelas ações expansionistas de estados nacionais europeus: Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda. Vencer, aprisionar e matar seriam formas de apropriação de territórios. No século XIX, Silva Pinto retoma essa colocação deixando de lado algumas especificidades. Para o autor, a guerra é “toda e qualquer hostilidade que se faz ao inimigo” (PINTO, [1832] 2017, p. 575). O dicionarista não distingue que tipo de

² Para um aprofundamento sobre a noção de ficção e ficcionalidade, remetemos ao trabalho de Mendes (2004).

inimigo seria esse, as motivações dessa hostilidade, e nem define se ela seria armada ou não.

Em uma definição do século XX, Lima; Barroso (1951, p. 630) informam que a guerra é a “luta com armas entre nações ou partidos”. Não trata então de caracterizar a guerra como uma hostilidade contra um inimigo, mas de nomear esse inimigo: um partido ou uma nação. Essa definição, por sua vez, evoca novamente o preceito da guerra como questão inerente a um estado-nação.

A definição mais disseminada atualmente, encontrada da *Wikipédia* a dicionários impressos, parece retirada do *Dicionário Aurélio*, que define a guerra como “confronto sujeito a interesses da disputa entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, utilizando-se de armas para tentar derrotar o adversário” (FERREIRA, 1986, p. 876). Em contraponto as definições anteriores, temos uma especificação dos agentes antagônicos envolvidos na guerra: “dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados”. É, também, a primeira definição de guerra em que se menciona a sujeição do conflito a interesses motivacionais.

As definições retiradas de dicionários são parte de uma corrente de imaginários que circulam através de discursos diversos. E uma vez verificados os dicionários, pode ser útil também observar os conceitos, ou os imaginários sobre a guerra através daqueles que teorizaram sobre ela. Para tanto, remetemos ao trabalho de Antoine-Henri Jomini e Carl Von Clausewitz. Esses autores podem ser considerados os primeiros a tratarem sistematicamente sobre a chamada doutrina da guerra, o que nos permite depreender esses imaginários e sua manifestação no discurso literário.

Jomini (1949), em *A arte da Guerra*, publicado em 1836, considera a guerra como uma questão pertinente à política, e, portanto, essencial em um estado-nação, a exemplo do que apontamos anteriormente em definições dicionarizadas. Um diferencial desse autor, no entanto, é considerar a guerra como um evento submetido a leis imutáveis. Para Jomini (1949, p. 36), a guerra seria um fenômeno natural, cabendo ao homem compreender e conhecer suas leis para determinar a vitória. Dessas leis eternas proveriam, por exemplo, a hierarquia militar, a disciplina das tropas, a estratégia de batalha etc.

Nesse caso, o conflito representaria uma ocasião em que a razão se defronta com a ignorância, ou com a barbárie. E a vitória dependeria apenas do conhecimento e da

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

aceitação dessas leis: “A vitória vai, agora como sempre, resultar dos princípios que levaram ao sucesso os grandes generais de todas as idades, Alexandre e César, assim como Frederico e Napoleão” (JOMINI, 1949, p. 347). O que abre espaço para se pensar a construção dos imaginários sobre o herói bélico: aquele que vence por uma qualidade inata, e tautológica, de vencedor.

O trabalho de Clausewitz se distingue dessa visão pouco realista por considerar a guerra como evento motivado e/ou intensificado pelas paixões humanas, como o rancor e o ódio recíproco, abrindo espaço para pensar a guerra, “um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 21), sob aspectos individualizados e psicologizantes.

Um dos efeitos dessa visão, digamos subjetivista, é a admissão de incertezas quanto ao rumo dos eventos. Outra particularidade do autor é considerar um conflito beligerante como “a continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 717). Assim, a guerra não se distinguiria daquelas funções dadas, segundo o trabalho de Dumézil (1973), pelos mitos: a unidade e soberania das sociedades antigas.

Ora teorizada como um evento natural e, portanto, acima das paixões humanas, ora tendo as paixões humanas como motivadoras de uma violência armada com finalidades políticas, a guerra, desde a antiguidade, adentra o discurso literário, o qual tem continuamente oferecido os meios para dignificar e também para desfazer essa maquiagem de heroísmo presente na beligerância.

A guerra do fim do mundo: análise das obras

Pensar os imaginários da guerra no discurso literário requer também levar em conta como eles são construídos dentro de um viés estético. Nesse caso, deve-se pensar na relação entre os imaginários da guerra e os imaginários estéticos da literatura. Primeiramente, nesta análise, apresentaremos um olhar sobre a representação estética da guerra e em seguida a relacionaremos com questões relacionadas ao discurso das teorias sobre a guerra, como visto no trabalho de Jomini (1949) e Clausewitz (2010).

A retirada da Laguna, do Visconde de Taunay, foi publicada originalmente na França em 1871. A obra trata de um episódio da Guerra do Paraguai, no qual uma divisão do exército brasileiro bate em retirada da localidade de Laguna, no Paraguai, até

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

o rio Aquidauana, atual Mato Grosso do sul, em 35 dias de marcha. Evento marcado por combates, privações e surtos de doenças epidêmicas, como o cólera.

No início da obra, Taunay dirige-se ao imperador Pedro II através de uma carta dedicatória, denominando o conflito como “guerra humanitária”, que seria aquela

que poupa e salva os prisioneiros, a que se desvela pelos feridos inimigos como pelos compatriotas, a que, considerando a efusão do sangue humano como deplorável necessidade, não impõe aos povos sitiados senão os sacrifícios indispensáveis à sólida garantia da paz.
(TAUNAY, 2003, p. 28)

O imaginário da caridade cristã, no cuidado com os prisioneiros e feridos, se funde ao da lealdade e ao de sacrifício inevitável, tornando a guerra um “feito militar, obra de constância e disciplina” onde atuaram “valentes soldados” (TAUNAY, 2003, p. 29), ou antes, “infelizes soldados, que só por profundo sentimento de disciplina se haviam mantido até então nas fileiras” (TAUNAY, 2003, p. 30). Não ocorre ao autor que a tropa pode ter se mantido unida porque a deserção em terras longínquas e inóspitas significaria a morte inevitável.

A escolha dessas nominalizações e qualificações abre espaço para se pensar a trajetória dessa corporação: como soldados que passaram de valentes a infelizes, vêem-se dois imaginários românticos fundamentais: a coragem e o sofrimento. O que é potencializado pelo imaginário do escapismo e da solidão, como nos mostra a descrição de um campo de batalha onde jaziam soldados mortos:

Que idéias lúgubres desperta um campo de batalha, sobretudo naquelas imensas solidões, para onde o próprio gênio do mal parecia ter chamado e reunido penosamente milhares de homens para se matarem uns aos outros, como se lhes faltasse terra para viverem em paz, do fruto do seu trabalho!
(TAUNAY, 2003, p. 106).

Uma síntese desses imaginários românticos é dada pela descrição de um cadáver em especial: um jovem

de formas atléticas, que tinha a cabeça varada por bala, de uma têmpera a outra: os olhos incharam-lhe nas órbitas, e apesar de todo o sangue que já correrá em abundância, ainda lhe caíam da fronte grossas bagas que pareciam lágrimas: emblema pungente da passagem exterminadora da guerra sobre a

valente nação, que um chefe impiedoso sacrificava. (TAUNAY, 2003, p. 106)

A guerra, nesse discurso, serve ao imaginário romântico, sendo tomada como oportunidade para se cultivar uma estética da melancolia: a luta desigual do herói contra o gênio impiedoso do destino, a luta da juventude contra a fatalidade inevitável da beligerância. Ao lado desse culto a fatalidade, encontramos o elogio da compaixão, o que, aliás, parece um lugar comum no discurso de Taunay, que frequentemente toma a guerra como cenário da compaixão humana.

Mesmo os soldados paraguaios, “inimigos da pátria” ou “inimigos diabólicos” (TAUNAY, 2003, p. 74), são objeto da compaixão do coronel Camisão, comandante brasileiro que, “pregando com o exemplo, mandou enterrar sem exceção todos os corpos achados no campo de batalha, com zelo de escrupulosa piedade que era do seu natural” (TAUNAY, 2003, p. 75). A guerra, em Taunay, não era apenas um embate militar hostil e incerto, mas uma ocasião de sacrifícios diversos e exercícios de compaixão na qual o herói luta contra hostilidades e recebe como prêmio e expiação de suas culpas.

Na obra de Taunay, a guerra é uma provação que, através dos sacrifícios exigidos, revela a coragem, a compaixão e a lealdade, qualidades recorrentes no discurso literário romântico. Estão presentes em sua narrativa tanto os heróis quanto aqueles seres transcendentais, como o gênio do mal que, na proposição do autor submete aos homens a fatalidade da beligerância. Na *Retirada da Laguna*, podemos observar como a guerra é descrita como um evento inevitável, o que a aproxima da idealização de Jomini (1949), mostrando como o discurso bélico e o discurso literário podem dialogar por via dos imaginários sociodiscursivos. Podemos ver como essa representação se dilui no imaginário romântico.

Em princípio não há relações entre o imaginário romântico e o imaginário militar da guerra, mas ainda que Jomini (1949) sustente que a guerra seja um fruto da inevitabilidade do destino dado ser um evento natural sujeito a leis imutáveis, lembramos que o herói romântico é justamente aquele que luta contra a fatalidade. Esse protagonista bélico, assim, se coaduna com a proposição de Jomini no sentido de que não há escolha senão a luta, não há opção senão a guerra. Esse autor, assim, também

abre espaço para se pensar na relação entre o herói épico, conforme Dumézil (1973) e o herói bélico, já que ambos lutariam contra fatores inevitáveis.

Retomando Jomini (1949, p. 25), o autor sustenta que a vitória na guerra depende da exploração de um ponto vulnerável do inimigo, em que deve se concentrar todo o esforço do combate. Preceito que abre espaço para se pensar na construção do herói bélico, ou épico. O qual é, necessariamente, aquele que conhece sua potencialidade e admite as leis da guerra. Tal como na literatura romântica, o herói bélico, na visão de Jomini seria aquele ser (ou seres) que persiste(m) em um objetivo mesmo que isso lhes custe a vida. Assim, entende-se como a bravura, o desapego à vida e a ultra-valorização da honra e do patriotismo, se colocam como essenciais na figura do herói bélico no discurso literário.

Por sua vez, ao considerar o exército uma entidade homogênea e indivisa, Jomini (1949) não considera as individualidades ou as emoções individuais dos participantes, tornando o evento suscetível de ser compreendido por leis universais e imutáveis. Taunay coaduna com esse imaginário mostrando a coluna do exército brasileiro como um personagem coletivizado. É assim que temos expressões recorrentes na obra como a “valente nação” de “bravos soldados” sempre “marchando com muita ordem” e “espírito de disciplina”, “sempre fiéis” ao “valoroso comandante” (TAUNAY, 2003, *passim*). O autor dá aos componentes dessa tropa os mesmos sentimentos, a mesma psicologia, o mesmo comportamento, as mesmas reações face ao desenrolar das ações.

Jomini nos mostra como a guerra pode ser considerada obra do acaso, acatando o esforço titânico e a racionalidade como condições óbvias para a vitória. Nas ideias de Jomini (1949), podemos dizer que o sonho da razão, de fato, produz monstros: a ânsia de explicar a guerra pela racionalidade se configurou num delírio romântico que depende mais da obstinação e valentia do herói do que de supostas leis da guerra. A explicação idealizada para o sucesso na guerra sugere que existam qualidades guerreiras inatas, ou uma supra-inteligência bélica que leva a uma vitória certa. Jomini, assim, possibilita entender na teoria aquilo que até então era reservado à literatura: o heroísmo.

Passando, agora, para a obra seguinte, a guerra de Canudos, trabalhada por Euclides da Cunha n`*Os Sertões*, foi também abordada pelo escritor peruano Mário Vargas Llosa em *A Guerra do Fim do Mundo*, graças às influências do escritor

brasileiro sobre o peruano. A primeira “guerra moderna”, no dizer de Euclides da Cunha foi travada durante a recém proclamada república brasileira e dizimou boa parte da população do arraial de Canudos, ou Belo Monte, no sertão da Bahia.

Se as duas obras, *Os Sertões* e *A Retirada da Laguna*, fossem cotejadas com o trabalho de Clauzewitz (2010), causaria estranheza a este autor a narrativa de Taunay sobre uma guerra humanitária movida pela compaixão. O autor de *Da Guerra* provavelmente se inclinaria concordar com Euclides da Cunha alegando que “a guerra é uma atividade tão perigosa que os erros advindos da bondade são os piores” (CLAUZEWITZ, 2010, p. 76). Não é por acaso que Euclides, desprovido de aura romântica, não poupa o leitor da violência descrita nas páginas d’*Os Sertões*.

Abordando a destruição do que era tido pelo governo republicano como um perigoso reduto monarquista, *Os Sertões* se coloca como um autêntico tratado litero-científico sobre o conflito, abordando não apenas o evento, mas seus condicionantes geográficos, políticos, antropológicos e sociológicos. A obra de Euclides dialoga com a de Clauzewitz inclusive porque este autor considera que “a guerra não pertence ao domínio das artes nem ao das ciências. Ela é mais precisamente parte da existência social do homem” (CLAUZEWITZ, 2010, p. 165). Desse modo, o discurso bélico em Euclides não é apenas um exercício de estética ou uma digressão científica.

Sendo um instrumento da política (CLAUZEWITZ, 2010, p. 717), a beligerância se torna também um estuário das paixões humanas, as quais motivam a própria política que desembocam no conflito. Euclides parece perceber claramente na campanha de Canudos que, tal como anunciava Clauzewitz (2010, p. 683), “a destruição do inimigo é sempre o que mais interessa”. Essa destruição é potencializada, não pela política, mas, especialmente, por uma tríade de paixões beligerantes e destrutivas apontadas por Clauzewitz (2010, p. 167): “o ódio, o rancor, a fúria”. Paixões tantas vezes descritas n’*Os Sertões* e sintetizadas em suas últimas páginas: “um velho, dois homens feitos, uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados (CUNHA, 1956, p. 541), o que nos mostra o fim dos últimos defensores de Canudos,

N’*Os Sertões*, a descrição do exército em batalha, ou em campanha foge do lugar comum da tropa de valentes, defendendo a glória da pátria, como visto na análise anterior

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO*, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Seguem para a batalha como para algum folgado turbulento. Intoleráveis na paz que os molifica, e infirma e relaxa: inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastrosamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução, e o inimigo o instrutor predileto. (CUNHA, 1956, p. 284)

O exército de corcundas, soldados despreparados até mesmo para o peso das armas que carregam, contraria a descrição da tropa galante, valente, garbosamente patriótica que se observava nas descrições de Taunay. No combate em si, nenhum desses soldados demonstra a destreza romântica de então: “é desordenado, é revoltoso, turbulento, é um garoto heróico e terrível, arrojando contra o adversário de par com a bala ou com a pranchada de um dito zombeteiro e irônico” (CUNHA, 1956, p. 284). Tal é o que podemos ver na “psicologia do soldado brasileiro” (CUNHA, 1956, p. 283) apresentada por Euclides da Cunha.

Se assim são os soldados, de descrição semelhante o autor não poupa um dos comandantes mais emblemáticos do exército brasileiro no conflito: o coronel Moreira César, “a caricatura do heroísmo” (CUNHA, 1956, p. 260-261), cujo aspecto

reduzia-lhe a fama. De figura diminuta um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parêntesis era organicamente inapto para a carreira que abraçara. Faltava-lhe esse aprumo e compleição inteiriça que no soldado são a base física da coragem. (...) A fisionomia inexpressiva e mórbida completava-lhe o porte desgracioso e exíguo. (CUNHA, 1956, p. 261)

O autor d’*Os Sertões* também critica a construção da aura de heroísmo desses personagens, louvados ao léu e colocados nas páginas da história graças aos elogios retóricos que sobre eles recaíam:

Os heróis imortais de quarto de hora³, destinados à suprema consagração de uma placa à esquina das ruas, entravam, surpreendidos e de repente, pela história dentro, aos encontrões, como intrusos desapontados, sem que se pudesse saber se eram bandidos ou santos, envoltos em panegíricos e convívios, surgindo entre ditirambos ferventes, ironias diabólicas e invectivas desapiedadas (...). Irrompiam a granel. Eram legião. (CUNHA, 1956, p. 261).

O autor, assim, se volta, contra a própria linguagem produtora de heróis bélicos, muitas das vezes homens comuns recém saídos das batalhas. Não há também espaço

³ Ou seja: os heróis com quinze minutos de fama.

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

para a melancolia romântica que poderia rondar o sofrimento dos combatentes, como exemplifica o fragmento seguinte:

Cabeças envoltas em tiras sanguinolentas; braços partidos, em tipóias; pernas encanadas, em talas, rigidamente estendidas; pés disformes pela inchação, atravessados de espinhos; peitos broqueados à bala ou sarjados à faca; todos os traumatismos e todas as misérias.
(CUNHA, 1956, p. 448)

O discurso sobre a guerra em Euclides da Cunha não se reveza entre heroísmos e a melancolia da morte nos sertões da república. Nesse paradigma discursivo, Euclides mostra a guerra como um tratado da miséria. As descrições dos feridos, como mostrado anteriormente, diferem do jovem, cuja cabeça atravessada por bala mostrava duas bagas de sangue feito lágrimas abaixo nos olhos, como no romance de Taunay.

Além de pontuar seu próprio discurso sobre a Guerra de Canudos, Euclides abre espaço para outros discursos anônimos, “palimpsestos ultrajantes” (CUNHA, 1956, p. 467) ou “páginas demoníacas” (CUNHA, 1956, p. 460) que mostram como um paradigma discursivo sobre a guerra se confirmava através de relatos anônimos inscritos na obra. Eram inscrições sobre os combates que o autor copiava das paredes de casebres em ruínas:

Em cada parede branca de qualquer vivenda mais apresentável, aparecendo rara entre os casebres de taipa, se abria uma página de protestos infernais. Cada ferido, ao passar, nelas deixava, a riscos de carvão, um reflexo das agruras que o alanceavam, libérrimamente, acobertando-se no anonimato comum.

Sem a preocupação da forma, sem fantasias enganadoras, aqueles cronistas rudes deixavam por ali, indelével, o esboço real do maior escândalo de nossa história. (...)

E a empresa perdia repentinamente a feição heróica, sem brilho, sem altitude.
(CUNHA, 1956, p. 468)

Observa-se como Euclides desconstrói e critica o discurso romantizado sobre a guerra através da menção aos rabiscos deixados por ex-combatentes de volta da refrega. Imprecações e xingamentos, rabiscos pornográficos deixados nas paredes se contrapõem ao discurso desejável, oficial, de páginas heróicas da guerra:

Perto, ao lado, a capela exígua e baixa, como um barracão murado. E nas suas paredes, cabriolando doudamente, a caligrafia manca e a literatura bronca do soldado. Todos os batalhões haviam colaborado nas mesmas

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

páginas, escarificando-as a ponta de sabre ou tisonando-as a carvão, no gravarem as impressões do momento. Eram páginas demoníacas aqueles muros sacrossantos. (CUNHA, 1956, p. 468)

As inscrições dos soldados mostram assim, outro olhar sobre a guerra. Diferente dos capítulos românticos d`A *Retirada da Laguna*. Nota-se em Euclides, que os imaginários sobre a guerra já não são os mesmos dos tempos românticos da monarquia. Das páginas heróicas se chegam aos palimpsestos ultrajantes ou às páginas demoníacas escritas por homens brutos e imprecadores. O soldado não é mais o herói valente que se entrega ao sacrifício da pátria, mas apenas o homem embrutecido na matança do combate, não é o combatente dotado de compaixão que se punge com o aspecto melancólico do campo de batalha. O que mudou não foram os imaginários, mas os paradigmas desses imaginários, depreendidos no discurso através de nominalizações e qualificações.

O discurso de Euclides da Cunha, embora possa soar um tanto cientificista, coaduna com as ideias, ou com os imaginários trabalhados por Clauzewitz (2010). Isso porque Euclides trabalha sobre a guerra de Canudos também por um viés político, criticando a guerra por sua estupidez e pela obstinação dos republicanos. Euclides, nesse caso, nos mostra como na guerra se envolvem tanto fatores políticos como psicológicos. A obra de Clauzewitz e a de Euclides da Cunha se encontram em um sugestivo interdiscurso dado pelo paradigma discursivo que mostra a guerra como o resultado desmedido das paixões humanas na política. Nas entrelinhas d`*Os Sertões* nota-se justamente a paixão fanática dos republicanos e um rancor não dialetizado em relação a monarquia.

Adeus às armas: algumas considerações finais

Embora o discurso literário não seja o único, é nele que encontramos as construções discursivas mais emblemáticas dos imaginários da beligerância: a guerra como heroísmo e sacrifício edificante. Esse imaginário perdurou não apenas como uma herança dos tempos épicos, mas também pelo valor social de que ainda hoje goza o discurso literário, o qual não apenas espelha ou refrata, mas contribui para a manutenção de certos imaginários sociodiscursivos.

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Sob esse aspecto, poderíamos nos perguntar então: que paradigmas discursivos sobre a guerra encontramos hoje? Um romance notório sobre a guerra narraria a trajetória individual de algum combatente anônimo? Seria um livro denunciador, como no dizer de Euclides da Cunha? Ou talvez justamente uma obra que pregasse a beligerância como solução final para conflitos políticos, como anunciava Clausewitz? Talvez tenhamos hoje não um, mas vários paradigmas discursivos que, se reunidos em um único discurso, formariam uma estranha polifonia em que discursos de guerra e de paz se alternassem em enunciações perturbadoras.

Ao mesmo tempo em que assistimos à internacionalização e à extrema coletivização de um sentimento de horror em relação à guerra, também percebemos que, com certa frequência, chefes de estado intolerantes, e mesmo beligerantes, ainda são levados ao poder por meios democráticos. Talvez um romance sobre a guerra, escrito nos dias atuais, recorresse a uma paródia do trabalho de Clausewitz (2010, p. 718), finalizando ou começando tal narrativa com os seguintes dizeres legados por um dos grandes pensadores da guerra: “Assim, a política transforma o esmagador elemento destruidor da guerra num mero instrumento”.

Referências

BLOUTEAU, Raphael. *Diccionario da lingua portugueza, Vol 1*. Lisboa: Officina de Simão Tadheo Ferreira, 1789. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299210>. Acesso em 05 abr. 2017. p. 675.

CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication dans une perspective langagière: contraintes psychosociales et contraintes discursives. In: BROMBERG M.; TROGNON, A. (dir.) *Psychologie sociale et communication*. Paris: Dunod, 2004. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Le-contrat-de-communication-dans,89.html>>. Acesso em 15 abr. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução de Dílson F. da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l`expression*. Paris: Hachette, 1992.

CLAUZEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MORATO, Elisson Ferreira. Paradigmas discursivos e imaginários da beligerância: a guerra no discurso literário. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.119-136, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956.

DUMÉZIL, Georges. *Mythe et épopée*. Paris: Galimard, 1973.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 876.

JOMINI, Antoine-Henri. *A arte da guerra*. Tradução de Marcia Bandeira de Melio Leito Nunes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1949.

KHUN, Thomas. *A Estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Doeira e Nelson. Boeira. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LIMA, Hildebrando de; BARROSO, Gustavo. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Primeiro Volume*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 250f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)-Faculdade de Letra, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2004.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>. Acesso em: 05 abr. 2017. p. 575.

TAUNAY, Visconde de. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Recebido em julho de 2017.

Aceito em setembro de 2017.